

Recebido em: 19.05.23  
Aprovado em: 03.07.23

**Tayane Aidar Abib**

Jornalista. Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Universidade Metodista de São Paulo.

E-mail: tayaneaabib@gmail.com

# Dinâmica narrativa e autoria do desacontecimento na cobertura noticiosa da imprensa paulista

Tayane Aidar Abib

## Resumo:

Por metodologia exploratória, este artigo investiga as estratégias narrativas engendradas pelo desacontecimento na cobertura informativa da imprensa paulista, no período de 2015 a 2020. De modo específico, mapeia, nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, as técnicas de redação e autoria acionadas por tal matriz na cobertura dos fatos não-marcados. Enquanto código de produção à contrapelo do newsmaking tradicional, orientado pelo critério de cotidiano, por apuração sensível e mediação jornalística autoral, o desacontecimento assume dinâmicas noticiosas próprias, para além da gramática positivista que conforma as rotinas profissionais. Neste estudo, combina-se análise quantitativa à uma discussão interpretativa de textos noticiosos tomados como referenciais para a reflexão sobre as potencialidades do desacontecimento, em termos de assinatura criativa, no relato da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Desacontecimento. Imprensa Paulista.

**Narrative dynamics and authorship of the Unhappenings in the news coverage of the São Paulo press**

## Abstract:

Using an exploratory methodology, this article investigates the narrative strategies engendered by the Unhappenings in the news coverage of the São Paulo press, from 2015 to 2020. Specifically, it maps, in the newspapers *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S. Paulo*, the writing techniques and authorship activated by such a matrix in the coverage of unmarked facts. As a production code that goes against the grain of traditional newsmaking, guided by everyday criteria, sensitive investigation and authorial journalistic mediation, Unhappenings assumes its own news dynamics, beyond the positivist grammar that conforms professional routines. In this study, quantitative analysis is combined with an interpretative discussion of texts taken as references for reflection on the potentialities of the Unhappenings, in terms of creative signature, in the contemporary story.

**Keywords:** Journalism. Unhappenings. São Paulo press.

Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 20, n. 1, mar./jul. 2023 - ISSN 1984-6924

## Introdução

<sup>1</sup> Por limitação de espaço neste artigo, toma-se o trabalho de Sodré (2009) para uma abordagem reflexiva mais detida.

Menciona-se, no entanto, as contribuições teóricas e analíticas de pesquisadores brasileiros da área, na série de livros sobre *Jornalismo e acontecimento* (Meditsch, Vogel e Silva, 2013; Marocco, Berger e Henn, 2012; Leal, Antunes e Vaz, 2011; Benetti e Fonseca, 2010), e de estudos de França (2012; 2017).

Considerando-se o escopo de estudos<sup>1</sup> acerca do desacontencimento jornalístico, este artigo propõe investigar, em linhas gerais, a articulação de tal matriz provocativa à cobertura noticiosa contemporânea. Enquanto noção que desestabiliza a semântica convencional do newsmaking, centrada no relato de fatos marcados pelos critérios de desvio e proeminência social (SODRÉ, 2009), o desacontencimento engendra uma dinâmica produtiva divergente, orientada à dimensão da cotidianidade dos sujeitos ordinários, à captura informativa por apuração dialógica e à redação que se assume em mediação autoral (MEDINA, 2014). Em pesquisas anteriores, o foco do interesse reflexivo esteve na fundamentação teórica dessa estratégia de narração, a partir do estudo de caso de jornalistas que, em contextos midiáticos tradicionais, conseguiram empreender pautas destoantes à noticiabilidade hegemônica, a saber: a repórter brasileira Eliane Brum e o repórter catalão Bru Rovira (VENTURA; ABIB, 2015; 2020).

Com interesse em escrutinar a manifestação do desacontencimento nas coberturas informativas realizadas pela imprensa atual, e para além de associações específicas a uma ou outra figura de referência, esta pesquisa desenvolve um estudo exploratório junto aos periódicos paulistas de maior circulação nacional na atualidade (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, segundo dados IVC Brasil 2020), em delimitação temporal que abarca os anos de 2015 a 2020. O *corpus* inclui 3.650 edições de jornais, consultadas nos acervos digitais, públicos e gratuitos de cada um dos veículos em questão, por uma leitura flutuante (BARDIN, 2016) que buscou a organização e exploração prévia dos textos, para a constituição de uma amostragem de conteúdo correspondente ao escopo do desacontencimento nos parâmetros delineados por projetos anteriores. A delimitação das peças informativas sob tal contorno operacionalizou-se, assim, em função dos fundamentos definidores da matriz: a noticiabilidade conferida à cotidianidade dos sujeitos ordinários, por dispositivos de apuração dialógico-compreensivos e dinâmica redacional em contorno de autoria.

Para este artigo, objetiva-se investigar especificamente a dimensão do tratamento redacional que configura o desacontencimento nos jornais analisados, com vistas a evidenciar os jornalistas-autores em relevo e os elementos narrativos que mobilizam na composição de seus relatos, quer seja: dentre a amostra de textos levantados em configuração de desacontencimento, identificar os jornalistas que se destacaram, por presença e incidência recorrente nas assinaturas, e as técnicas que aplicaram na tessitura narrativa de algumas peças assumidas como exemplares, pensando em termos de análise interpretativa.

Ao discutir as dinâmicas narrativas do desacontencimento em jornais tradicionais da imprensa paulista, espera-se avançar nas reflexões sobre recursos narrativos possíveis à cena jornalística, especialmente atentos ao protagonismo do cotidiano e de atores hegemonicamente colocados à margem do interesse público e midiático.

No quadro abaixo, sintetiza-se a configuração processual do desacontencimento, a ser aprofundada teoricamente neste artigo:

### Tabela 1: Processualidade jornalística do desacontencimento

| Newsmaking             | Desacontecimento                     |
|------------------------|--------------------------------------|
| Centralidade noticiosa | Protagonismo humano em Cotidianidade |
| Captação informativa   | Apuração dialógica                   |
| Tratamento redacional  | Autoria narrativa                    |

<sup>1</sup> Conferir em: *The Structure of Foreign News* (GALTUNG; RUGE, 1965).

(Fonte: Elaboração própria, 2023)

## Desacontecimento em via de fatos não-marcados

Em uma primeira aproximação teórica, situa-se o lugar epistemológico da reflexão sobre o desacontecimento. O termo aporta, desde o sentido provocativo de seu prefixo latino, ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do newsmaking historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas Teorias do Jornalismo, especificamente em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para uma processualidade noticiosa divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos meios, em vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização (TRAQUINA, 2005), que por um lado precisava de envergadura comercial para se afirmar como empresa lucrativa, e por outro almejava assentar sua existência e credibilidade em compasso com valores democráticos. Neste plano de disputas entre necessidades e interesses da profissão, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), no que toca à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo, para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme estudos da área (SHOEMAKER e REESE, 1996), privilegia as dimensões de desvio e proeminência social dos fatos.

A obra de Muniz Sodré (2009, p.71) é referencial para a compreensão deste processo<sup>2</sup>: diz o autor brasileiro que os jornalistas partem do “fato em bruto, ou das qualidades indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’”. O relato noticioso, acrescenta, é o desdobramento ou “a ampliação dos fatos sociais segundo parâmetros jornalísticos de tratamento que comportam apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos” (SODRÉ, 2009, p. 72). Em outras palavras, e para demarcar a acepção elegida nesta pesquisa, a notícia é a construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna esse escopo-central a carregar, em sua configuração, a semântica do exercício de informar.

Desde aí, o ponto-chave que se coloca para a reflexão acerca de modos distintos de noticiar, a partir de uma noção de desacontecimento, é exatamente a interrogante sobre o trabalho de ordenamento de sentidos ao qual se dedica o

<sup>2</sup> Reconhece-se, evidentemente, a proximidade da noção e das discussões realizadas neste artigo com estudos sobre jornalismo literário e de autor (MARTINEZ, 2019), jornalismo humanizado, jornalismo de profundidade, jornalismo de subjetividade (MORAES, 2019), entre outras nomenclaturas. Ao se situar em território de newsmaking, a pesquisa sobre o desacontecimento quer investigar possibilidades de virada das dinâmicas produtivas no interior mesmo da cultura profissional hegemônica.

sujeito-jornalista na relação com o mundo fenomenal. Recapitulando o que Charraud (2009, p. 98) denomina de processo evenemencial, considera-se três instâncias nesta dinâmica de construção: a) há algo que modifica o ‘estado normal’ das coisas no mundo, b) há um indivíduo dotado de sensibilidade que percebe tal mudança, e c) há a significação que este mesmo sujeito confere a esta mudança, por uma dupla faculdade de “perceber, através de uma experiência direta, aquilo que os fenômenos têm de potencialmente notável, e estruturar o mundo comentando-o com auxílio da linguagem”. Cabe evidenciar como a lógica do acontecimento se associa à de impacto sensorial, ou a um caráter de saliência frente à aparente uniformidade em que se vive (RODRIGUES, 1999), e como, assim operando, descarta os aspectos de regularidade e permanência que também envolvem a narrativa social.

Em Louis Quéré (2005), a associação se dá em referência à natureza dual do acontecimento, ora como fato no mundo, ora como fonte de sentidos: enquanto a “primeira vida” diz de uma compreensão da dimensão existencial, ou sensível, das ocorrências, nos termos das mudanças que interferem no cotidiano; a segunda toca nas vias de afetação, de indivíduos e coletivos, por consequência dos acontecimentos - isto é, ao passo que faz falar e se faz sentir, gera narrativas, incluindo as jornalísticas. Nesta linha, Márcia Benetti (2004) adverte para os riscos de silenciamento que, desde a visada do jornalismo como acontecimento, reside nas angulações e vozes que sua cobertura marginaliza, por um regime discursivo que acaba por gerar, indiretamente, um senso de conformismo coletivo.

Resulta inevitável depreender que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. “Toda forma de ver é uma forma de ocultar”, pontua Alsina (2005, p. 127, tradução nossa), e são precisamente as camadas de vida e mundo desprezados, ou deixados à sombra, pelo recorte jornalístico, que movimentam a postura investigativa desta pesquisa. Pelo escopo do desacomodamento, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, através de uma ênfase a estratégias de narração orientadas aos fatos não-marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais, centrados naquelas dimensões superficialmente percebidas como ordinárias ou comuns.

Importa sublinhar que, como desde essa posição epistêmica o desacomodamento não se aparta do campo tradicional de atuação dos meios, mas se configura em razão mesmo das potencialidades e lacunas da composição noticiosa, sua articulação produtiva se realiza por confluências a nível de agenciamento individual e rotina organizacional, isto é, depende do fator humano e de suas moderações criativas em plano de agir profissional. Ainda que fatores ideológicos, políticos e culturais atravessem a processualidade da notícia, em determinados contextos até de modo impeditivo, o desacomodamento enquanto prática à revelia implica mais diretamente o sujeito-jornalista: envolve um como os repórteres se apropriam do quadro de sentidos vigentes ao seu exercício de trabalho, e da própria cultura profissional que lhes rodeia, quer dizer, se administram ou se renovam as convenções estabelecidas (VENTURA; ABIB, 2021).

Um primeiro eixo que cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que associa a noticiabilidade do desacomodamento à cotidianidade enquanto repetição que, longe de empobrecer os sentidos, nos orienta a uma ontologia originária. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, o apoio e a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com pouco desgaste de energia. A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, deste modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Em uma segunda visada interpretativa, então, a vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividade de criação e recriação permanentes. Esse

tal mecanismo das criações, por muitas vezes minúsculas, já que nos espaços de nossa intimidade, nos realça ou, para valer-se de um termo acionado por Maffesoli (1984), “epifanizam” o real.

Dessas duas acepções-fundantes do olhar para a cotidianidade, podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser. Se sob as dinâmicas informativas há uma lógica positivista que conduz a redução do social a dados e fatos, o escopo da cotidianidade já nos pôde aclarar que cada rotina é uma textura rica em potência a ser desvelada – um (des)acontecimento a se descobrir. Fala-se em descoberta porque, conforme ensina Certeau (1994, p.171), é mais embaixo dos limiares onde cessa a visibilidade que vivem os “praticantes ordinários da cidade”, cujos caminhos e desventuras, tradicionalmente ignorados, escapam à legibilidade” (CERTEAU, 1994, p.222).

Enquanto código de produção à revelia, é importante ainda frisar, a noção de desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não-marcada pelos tradicionais critérios, mas comporta em sua configuração uma processualidade complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos (MEDINA, 2008). O relato das vivências ordinárias em suas significâncias diminutas depende de expedientes de captação sensíveis à irradiação dos detalhes, à compreensão da alteridade em suas rotinas transformadas – e transformadoras.

Pelas vias da intersubjetividade (MARCONDES FILHO, 2013), as técnicas de apuração e entrevista que se conformaram por gramáticas funcionalistas, na esteira do tom pragmático dos discursos de atualidade do jornalismo, podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e diálogo com os contextos e atores sociais reportados. O desacontecimento tem mais chances de se concretizar em signo da relação terno, que fende as cenas e cenários a vivências partilhadas em atenção e escuta, e que dinamiza a ordem do comum por conjunções da oralidade, do tátil e do olfato colhidos na esfera de um “entre” (BUBER, 1979). O dialógico e o compreensivo que constituem o aparato narrativo do desacontecimento versam sobre uma abertura aos afetos e às afetações, sobre um *ser-com*, preservando-se os contornos da alteridade do Outro e em face mesmo dos desafios das relações mediatizadas.

Por isso, também, não há como delimitar formas estéticas a sua escritura em termos de estrutura composicional. O desacontecimento rearranja padrões redacionais em razão da assinatura criativa construída pelo jornalista em campo, como experimento narrativo de seus trânsitos junto aos fatos e sujeitos ordinários. Narração e descrição tomam os contornos heterogêneos de um aqui-e-agora, que desafia os profissionais a encontrarem o ritmo das histórias pelo que vivenciam em observação atenta e relação. A costura textual é arremate que resulta de experiência e intuição, na exposição contínua com o protagonismo social. Desde aí, o desacontecimento hibridiza, conforme as demandas da pauta, recursos narrativos de feição ora mais descritiva, ora mais interpretativa, em consideração aos sentidos interacionais que permeiam a dimensão entre-sujeitos e da sintaxe discursiva.

### **Desacontecimento na cobertura noticiosa da imprensa paulista**

Como o desacontecimento tem se manifestado nas produções jornalísticas da atualidade, para além de casos de destaque de prática profissional, no que toca aos informativos paulistas de circulação nacional? Sob esta posição de pesquisa em continuidade, compreende-se este estudo como desencadeamento necessário a elucidações mais assertivas sobre a pertinência do desacontecimento ao contexto noticioso contemporâneo. Trata-se da possibilidade de situar tal matriz em

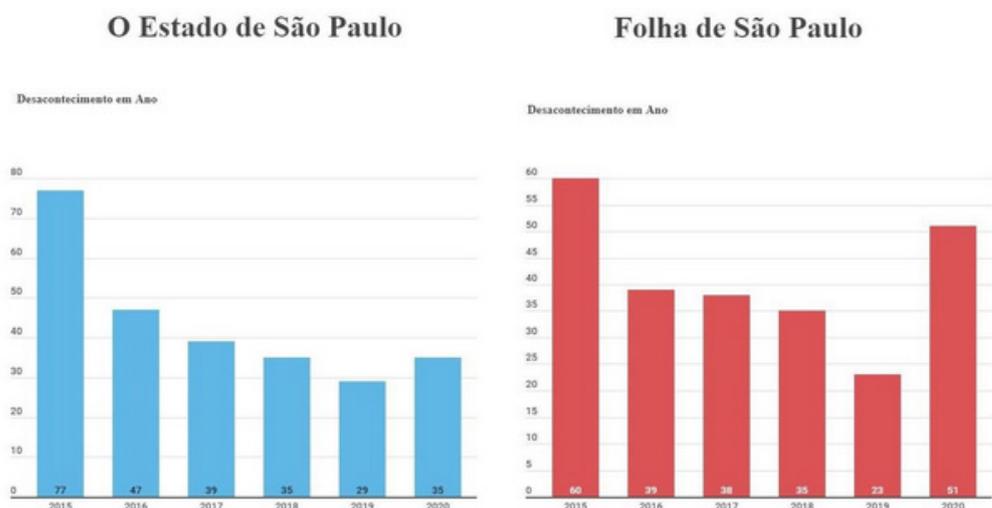
escrutínio com a cobertura realizada pela imprensa tradicional, para identificar as técnicas narrativas que respaldam essas boas práticas de jornalismo junto à lógica convencional do *newsmaking*.

No que concerne ao *corpus* elegido para a pesquisa, e que converge com a posição do desacontecimento em se inscrever enquanto escopo discordante ao *newsmaking* tradicional, esta proposta pretende averiguar a manifestação de tal matriz nos jornais paulistas de maior expressividade no país, considerando-se os dados de circulação IVC 2020. Enfoca-se o meio impresso, neste sentido, justamente em razão de sua tradição no que se refere à agenda noticiosa e à conservação dos valores de sua cultura profissional. A investigação se concentra nas seções noticiosas de cobertura dos diários, em textos de delineamento informativo, tendo em vista a predileção do desacontecimento pela cotidianidade de sujeitos ordinários. A fim de abranger um recorte temporal substancial para a formulação de apreciações nos termos dos resultados esperados, e pensando no interesse de tratar as coberturas contemporâneas, demarca-se um período de análise de 2015 a 2020.

Ainda que em queda, os jornais selecionados concentram, a nível de Brasil, uma média de 120 mil exemplares por dia, o que representa quase um terço da circulação de impressos. Entre reformulações gráficas e editoriais implementadas com maior vigor a partir da segunda metade do século XX, e que não cumpre detalhar neste artigo, as edições continuam a preservar uma gramática informativa que se respalda, especialmente, pelos cadernos de Política/Poder, Economia/Mercado, Internacional/Mundo e Cotidiano/Metrópoles, em complemento das editorias de Cultura/Ilustrada e Esportes e de edições esporádicas de cadernos especiais. O corpus revela, por essas nuances, o intuito em se ater à processualidade produtiva característica ao jornalismo profissional, em seus critérios predominantes (SHOEMAKER, 2006), como forma de avaliar o alcance do desacontecimento enquanto estratégia narrativa pertinente.

Abaixo, apresenta-se em gráfico o quantitativo de matérias jornalísticas identificadas sob a configuração do desacontecimento, ano a ano, que foram levantadas de acordo com a categorização de sua processualidade produtiva nos tópicos analíticos de a) protagonismo humano em cotidianidade; b) apuração dialógica<sup>3</sup>; e c) narrativa autoral<sup>4</sup>.

**Figura 1: Mapeamento da presença do desacontecimento nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* no período de 2015 a 2020**



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

<sup>3</sup> A processualidade jornalística em matriz de Desacontecimento envolve saberes específicos que orientam a apuração e entrevista noticiosas em chave de dialogia e compreensão. Por Dialogia, faz-se referência a manifestações narrativas que evidenciam o trato repórter-fato-fonte em movimento de proximidade atenta e reconhecimento do Outro: valor às vozes e aos sentidos dos entrevistados; observação aos detalhes e pormenores dos ambientes e realidades reportadas; acuidade com os entornos e problemáticas em cena; entrevista jornalística em contorno de conversação, alteridade e interesse genuíno pelas histórias em relato; protagonismo às relações e sutilezas tecidas pelos sujeitos e expressas nas falas, silêncios e comportamentos, etc.

<sup>4</sup> Processos FAPESP: 2013/06037-3; 2013/21439-0; 2015/12073-8; 2016/13666-5; 2018/01541-9; 2018/23954-3. Processo CNPq PDJ: 150056/2022-2.

Nesta amostragem, *O Estado de S. Paulo* concentra 262 relatos com contorno de desacomodamento, e a *Folha*, 246. Em termos de registro mensal, a média de publicação fica em torno de três a quatro matérias, o que revela lacunas nos veículos em relação a estratégias narrativas interessadas em destoar dos tradicionais critérios noticiosos, pela via de aproximação com as histórias de vida e com as camadas de resistência ante às problemáticas coletivas. Picos e declínios nos índices verificados podem ser compreendidos desde o tensionamento de tal matriz à agenda dos factuais de impacto: nos anos de 2018 e 2019, aponta-se a conjuntura de eleições presidenciais e suas implicações políticas, econômicas e culturais na cena brasileira, que podem ter refletido na baixa da amostra; em 2020, nota-se uma elevação que pode estar atrelada ao contexto de pandemia<sup>5</sup> de covid-19 que, no jornal *Folha de S. Paulo*, contou com relatos orientados à cotidianidade pela seção *Aqueles que perdemos*.

### i) Dinâmicas narrativas de redação/autoria

Consegue a linguagem dar conta das intempéries humanas? Às narrativas jornalísticas sem apego ao desviante, ao verborrágico ou ao choque pela imagem, a expressividade possível se tece em cada escolha composicional, pela costura de uma processualidade que não espera fechar sentidos, mas que diz da experiência-vivência no espaço-tempo que lhe cabe. O desacomodamento é assumido como matriz de práticas, por isso, justamente para delinear que há uma cadência de dinâmicas que se combinam para resultar em textos de traço não-marcado.

Ao interesse em noticiar a cotidianidade do homem ordinário, não basta a busca informativa pelo protagonismo humano e seus planos de ação na vida comum; é preciso, tal qual discutido, mobilizar aparatos sensíveis para a captação de sentidos, afetos, diminutos, gestualidades e ambiências que revelem desta centralidade narrativa - compreendendo-se que a apuração e a entrevista são os procedimentos que aproximam o repórter dos significados e astúcias sutis que permeiam os dias dos personagens, isto é, que somente por essas apreensões é que uma noticiabilidade distinta se faz possível.

De igual modo, na toada produtiva que orienta a cultura jornalística em saberes, a matéria informativa ainda se faz de uma etapa de estruturação narrativa, que confere forma e tom ao substantivo apurado de acordo com a inclinação de noticiabilidade em cena. À gramática profissionalista que imprime no relato os paradigmas do positivismo por parâmetros de objetividade e hierarquização de dados (MEDINA, 2008), o desacomodamento propõe um exercício de registro jornalístico em rítmica autêntica com o próprio trabalho de campo do mediador, como que a entrelaçar os sentidos que emanam desse signo relacional.

A matéria-prima estética, afinal, conforme indica Medina (2016, p. 277), “nasce do contato real. Não precisa recorrer a fórmulas exitosas alheias”. A montagem cênica das informações, desde aí, é desafio intimamente integrado ao ato presencial e ao dialógico, em proximidade sensível do jornalista: desencadeia-se naturalmente e entrecruzando-se com as sinestesias de um profissional que experimenta as intensidades do ambiente e colhe as vozes que compõem a trama-comum. Por uma tal compreensão, também, é que a dinâmica redacional do desacomodamento não é pensada, em termos de operacionalização de pesquisa, através de indicadores ou critérios específicos. Antes, enquanto um processo aberto à mediação e ao trânsito narrativo, desdobra-se no elemento definidor da autoria a fim de inscrever o valor da assinatura criativa do repórter no tecido textual.

Quando os jornalistas se assumem como parceiros na dialogia social, a mediação criadora (MEDINA, 2006) tem chances de (des)acontecer. É aí que esses sujeitos se revelam, então, não como meros difusores de informação, mas como

<sup>2</sup> O trabalho informativo, ainda que às voltas do critério da morte, promove pontos de inflexão na abordagem pelo direcionamento de pauta à construção simbólica e aos diminutos de resistência nas vidas noticiadas. A empreitada jornalística dá mostras de um desenho editorial que confere fôlego aos factuais datados, em um tipo de virada noticiosa do acontecimento ao desacomodamento. Desde aí, sublinha-se as potencialidades de uma tal matriz à cobertura de assuntos desviantes como esse, ao visibilizar o humano em sentido de permanência por trás das rupturas, na apuração atenta aos vínculos e afetos estabelecidos por cada um em vida.

um tipo particular, tal qual nomeia Ricoeur (1996), de artesão da comunicação: o narrador. O narrar, recorda-nos Benjamin (1987), é, por primeiro, a faculdade de intercambiar experiências. E quando o *ethos* jornalístico lança mão desse processo, seus registros não ficam atrás no sentido de concretizar a efetiva comunicação: o plano dos fatos se alarga e se aprofunda no jogo social dialógico e, na partilha das vivências, realidade e imaginação se entrecruzam pela produção simbólica que não se satisfaz com o referencial. A narrativa, neste sentido, ocupa aqui o posto de tessitura privilegiada das relações; instância, por excelência, dos encontros e do tornar-comum entre Eu e Tu (BUBER, 1979).

A amostragem levantada em método exploratório é, assim, organizada em razão deste aspecto em específico, que justamente inscreve a questão criativa como balizadora do saber de redação mobilizado pelo desacontecimento, e abre a reflexão às diferentes possibilidades formais que uma peça informativa pode assumir, conforme as buscas e experiências do jornalista em pauta. Fala-se em autoria para, ainda, dar ênfase à articulação produtiva do desacontecimento que se faz, a nível de agenciamento individual e rotina organizacional, por sujeitos dispostos a encontrar brechas. Destaca-se, com esses apontamentos, que a matriz do desacontecimento não preleciona um tipo de *template* ideal para dispor o mundo vivo e vivido. A ocorrência relacional (MEDINA, 2006), é tratada como um momento único, que não se repete, e que toca, sobretudo, aos sujeitos que dela participam – com vistas, por suposto, a que sua cadeia de sentidos não cesse naquela primeira interação.

Neste sentido, trata-se do desacontecimento pela dimensão do saber redacional com um interesse em evidenciar os jornalistas-autores em relevo e os elementos narrativos que acionam na composição de seus relatos: em Possenti (1993, p. 167), a noção de estilo resulta, justamente, do trabalho de seus construtores, quer seja, da escolha de um em “representar um fenômeno preferencialmente de uma certa maneira e para produzir certos efeitos em relação a outros”. Tradicionalmente, a linguagem jornalística assumiu por característica, na herança do legado positivista, um trabalho para apagamento das marcas de individualidade no texto, a fim de preservar um estilo de clareza, precisão e objetividade. Em âmbito de desacontecimento, o trato de linguagem enseja exercitar uma mediação que reestruture sentidos, sem se esquivar de tais manifestações no relato - que não necessariamente dizem do recurso de narrar em primeira pessoa, mas de toda expressividade que escapa a padrões ou convenções prévias, indicando uma autonomia, ou presença mais marcada, na escritura.

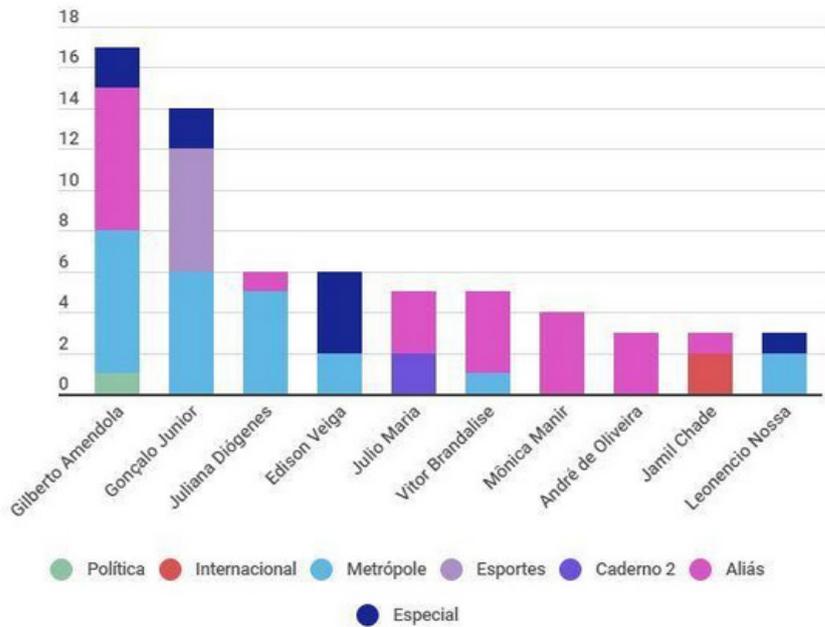
Nesta etapa de investigação, assim, quis-se identificar, dentre a amostra de matérias mapeadas em desacontecimento, aqueles jornalistas que despontaram por presença frequente nas assinaturas, bem como as técnicas acionadas na composição de alguns textos tomados como exemplares, pensando em termos de análise interpretativa. Assim, os nomes listados se apresentam não em função de editoria ou de mercado, mas do fator numérico de sua recorrência no estudo do *corpus*, quer seja: ao primeiro levantamento realizado, daquelas matérias correspondentes à configuração processual do desacontecimento, procedeu-se como uma delimitação dos autores assinantes de cada um dos registros. Os nomes foram, então, agrupados e organizados em gráficos, em uma apresentação que também considera as editorias de trabalho, a fim de fornecer material sobre como visibilidades podem ser abordadas dentro de suas especificidades editoriais.

**Figura 2: Mapeamento dos jornalistas-autores identificados em matérias de configuração de desacontecimento nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* de 2015 a 2020**

# O Estado de São Paulo

## Desacontecimento em Autoria

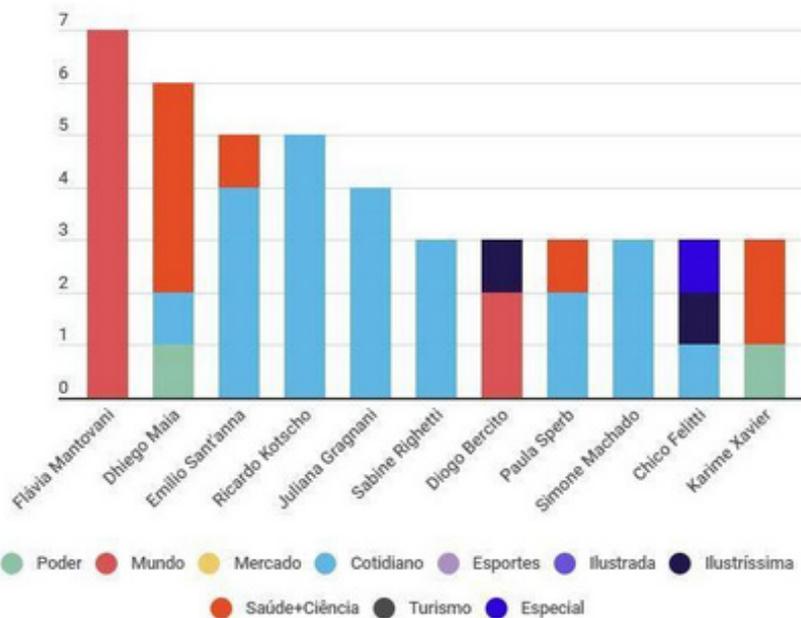
2015 a 2020



# Folha de São Paulo

## Desacontecimento em Autoria

2015 a 2020



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

<sup>6</sup> Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20181119-45688-nac-1-pri-al-not>. Acesso: 17 maio 2023.

No *Estadão*, antes mesmo de se adentrar na chave das autorias e seus exercícios narrativos, vale perceber como o caderno Aliás se faz território favorável ao desacomodamento em assinatura criativa, especialmente pela abertura editorial característica às suas pautas. Nele, alguns jornalistas tiveram maior projeção, como é o caso de Gilberto Amendola e Vitor Brandalise - que também se mostraram em trânsito na editoria de MetrÓpole - em temas diversos de popular, periferia, migrações, identidade, desemprego e ambiente. Não cabe uma aproximação à trajetória biográfica e profissional de cada um dos nomes identificados, uma vez que este trabalho demandaria uma investigação própria, mas interessa tomar peças para destaque de flagrantes e recursos narrativos por análise - de modo a evidenciar o potencial do desacomodamento também nesta seara.

Em “A festa dos nossos trapos coloridos<sup>6</sup>”, assinada por Gilberto Amendola no Aliás do *Estadão* de 07 de fevereiro de 2016, a centralidade narrativa está na agremiação Estrela Cadente, integrante do grupo 4 do carnaval de São Paulo. Em Cidade Tiradentes, no extremo leste da capital paulista, a escola, afastada dos desfiles desde 2010, por não conseguir 300 componentes em sua última performance, volta a empenhar sobras e sonhos para resistir junto à vizinhança e moradores do bairro. O descritivo dá o tom de abertura, no avesso ao estrutural de pirâmide invertida, em um trânsito temporal de presente e passado que demarca o ponto de virada da comunidade:

Roupas comuns dependuradas no varal, qual bandeiras agitadas, e um astro dourado e distraído repousando no reboco da parede. Sobras de uma folia antiga, retalhos de outro fevereiro, cobrem o chão onde um passista conserta o próprio salto e lamenta ter perdido o Bilhete Único. [...] No quintal de dona Gilce, tudo o que existe flerta com a crueza e o irreal, tudo é um pouco cenário de sonho e alegoria. [...] Mas nem sempre foi assim, claro. O primeiro sopro de desordem aconteceu quando Gilce, concentrada em seu ofício, assustou-se ao ver seus dois filhos [...] “Mãe, mãe, vamos montar uma escola de samba” (AMENDOLA, 2016, E6).

Observa-se, na costura textual, uma apuração do repórter em vias de proximidade em presença, com captação que registra através dos diminutos a ordem dos sentidos de uma cotidianidade familiar: “a televisão ligada na novela, os pratos sujos na pia, o Buda em cima da geladeira e o quadro de um Preto Velho que pende, torto, na sala de estar são os resquícios de um lar comum” (AMENDOLA, 2016, E6). A escolha narrativa deixa entrever o trabalho de um jornalista em mediação - está, *in loco*, apreendendo os detalhes, os objetos, as vozes, e tecendo a disposição das cenas. Lança mão da expressividade em tempo presente, como que a interpelar o leitor a fazer parte da realidade vivida, e diz do comum pela atenção ao concreto em porosidade com o simbólico.

A narração-descrição que conta do hoje e recupera memórias saudosas de carnavais passados também se atrela à escuta de sujeitos em preservar a história da escola e reavivar suas tradições. Mais uma vez, o descritivo compõe o relato das falas: Maria Barba, conhecida como Foguetão, cabeleireira e manicure, que “parece ter o coração maior do que a Sapucaí” (idem), é porta-bandeira e “enche de arroz, feijão e salsicha o prato de quem está se doando apenas por mais uma ilusão de carnaval” (idem); e João Pedro, de 11 anos, neto de dona Gilce, que conta com os cuidados da avó “protegendo os dedos finos do menino com fita isolante para que ele não se machucasse ou criasse bolhas não mãos” (idem), mas que quer mesmo se tornar o próximo meia-atacante do Corinthians.

O texto sob autoria de Amendola se faz, assim, na cadência de descrição e diálogo, em predileção indireta, com presentificação de cena que associa os pre-

parativos e primeiros gestos da comunidade de Cidade Tiradentes para participação no carnaval aos ensaios e folia de rua para o desfile de domingo, na Vila Esperança. O desacomodamento, desde aí, é código de produção que só se completa por uma conjunção de movimentos e dinâmicas narrativas que visibilizam o cotidiano de resistência dos anônimos por apuração sensível e trato de autoria.

Ainda nesta vertente, o caderno de Esportes acaba se mostrando no levantamento de dados, especialmente pela autoria de Gonçalo Junior em matérias sobre as bordas dos eventos e das atividades esportivas: a Olimpíada de 2016 nas periferias do Brasil, o futebol feminino de várzea, os projetos educativos de Paraisópolis, os garotos não-aprovados em peneiras e seleções esportivas, tornam-se atores centrais de arremates textuais que articulam em camadas a disposição do popular, dos diminutos de sentidos e de um contexto no qual o esporte é assumido como prática cultural. O texto “Várzea também é coisa de mulher em São Paulo”, de 19 de novembro de 2018, é indicativo do desvelo dessas nuances: há uma orientação ao cotidiano das jovens em seus afazeres junto ao futebol e à vida pessoal, à trama das expectativas e desilusões que se misturam ao futebol, e às disparidades de gênero que rondam o esporte.

No contexto da pandemia de covid-19, há outra menção à autoria de Gonçalo Junior, desta vez em *Metrópole*, que cabe ser descrita: a reportagem<sup>7</sup> “O microcosmo de uma rua sob a covid”, veiculada no *Estadão* de 17 de maio de 2020, que conta a rotina da quarentena na capital por histórias espalhadas por 1,2 km de extensão, entre os bairros São Miguel e Itaim Paulista. O texto é exemplar da dinâmica redacional abordada neste artigo, e no desacomodamento: emana, quase que como cadência natural, da experiência-vivência do repórter junto à realidade narrada. No caso, em razão do distanciamento social pelo coronavírus, o trânsito de Junior se deu em carro, na rua Grapirá, pelo método extraordinário que anota o que vê: casas de classe média, escola municipal, creche, asilo, alguns botecos e um prédio residencial.

Essa rua da Vila Curuçá não tem um marco histórico. É um lugar comum, como tantos. Por isso mesmo, por ser corriqueira e igual, é importante: as mudanças que acontecem nela por causa da pandemia retratam, na miúda escala local, a vida na cidade, de gente que não desiste (JUNIOR, 2020, A13).

Há o flagrante de um mediador que não se acanha em inserir-se em cena. Seu registro é como um relato que se desenrola pelos sentidos: o que vê, o que escuta, o que sente, o que cheira, enquanto circula pelos quarteirões, e que revela das vidas em desacomodamento quando do coronavírus - “os carros rareiam, mas os motoboys com bags vermelhas passam zunindo não só na hora do almoço. A fuligem preta do trânsito cedeu e dá para sentir o cheiro de terra molhada pela chuva na praça próxima” (JUNIOR, 2020, A13). E o contato com os sujeitos mira o enfoque da resistência frente às mudanças decorrentes da pandemia: a moradora Gini Micheletto, descendente de italiano, que desde o início da crise sanitária se dedica a costurar máscaras para ajudar famílias carentes; sua filha, Melissa Micheletto, professora de educação infantil que fez da casa um centro para acolher donativos e montar cestas básicas; e Rogério de Souza Ferreira, técnico em próteses dentárias, que faz bicos de entrega enquanto a mulher, como enfermeira, trabalha na linha de frente do combate.

O elemento estético, como se vê, decorre da mediação social em presença de relação: o repórter, uma vez exposto aos sentidos do real, lança mão de composições narrativas conforme vivencia o desacomodamento. Não é preciso enquadrar a experiência em roteiros ou delimitações prévias, pois o próprio contato com as cenas fornece descritivo para a tessitura em realce. Evidencia-se, desde aí, a conjugação entre técnica complexa e estética criativa, na cadência mesmo de um jornalismo que ensaia apreender as marcas da individualidade no plano de

<sup>7</sup> Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/20200517-46233-nac-1-pri-a1-not>. Acesso: 17 maio 2023.

um comum-coletivo.

O estudo das estratégias narrativas, na *Folha de S. Paulo*, permite a apreensão de outros contornos possíveis ao desacomodamento em termos de autoria. Uma matéria<sup>8</sup> foi tomada como ilustrativa dessas articulações, sob a assinatura de Emilio Sant'anna, por revelar a dimensão não-marcada de realidades desviantes dos que vivem à margem. Em “Moradores de rua em São Paulo sofrem ‘apagão eleitoral’ e falta de comida”, publicada na *Folha* de 16 de novembro de 2020, destaca-se a iniciativa autoral de dar escape a outras narrativas, ou bem outras vias de acesso à informação central. Se à visibilidade midiática hegemônica o cerne noticioso se encontra na disputa eleitoral pela proeminência dos candidatos, ao desacomodamento o giro jornalístico implica cobrir política desde o popular em suas dinâmicas e necessidades. “Como é a vida de um sem-teto no momento em que toda a população exerce seu direito de votar?”, questiona Dhiego Maia (2020, A24), no desenrolar de um texto que atrela ato presencial e dialógico para contar da perspectiva dos que sentem nas ruas o peso de decisões como essa.

Com colaboração de Kharime Xavier, o jornalista percorreu várias regiões da cidade ao longo das dez horas de duração do primeiro turno e apurou, junto aos sem-teto, seus problemas rotineiros: “sobra lábia, véio”. No matiz do contraste entre os que compareciam às seções eleitorais e aproveitavam o pós-voto em encontros em bares e restaurantes e os em situação de rua a procura do que comer, a narrativa assume um tom de investigação e crítica necessários às violências estruturais do Estado e uma aproximação aos enfrentamentos cotidianos dessa parcela. Escuta sujeitos que convivem com transtornos mentais, como é o caso da recifense Elvira Pereira, de 64 anos; que acreditam estar em realidade provisória, tal qual Messias, da rua Anchieta, que teve um mau passo financeiro e segue com esperança de retomar sua formação em logística; que apostam na mudança pelo voto.

O respeito pela oralidade que se evidencia no relato, pela preservação e ênfase dos contornos expressivos dos personagens, inscreve o ordinário como aspecto-norteador de uma prática noticiosa afeita ao popular. É o oral, em sua correlação com gestos e corporalidades, que nos coloca em encontro com o Outro, e sua manifestação se dá em toda parte porque a conversação, conforme Certeau (1994, p.337), “é o espaço essencial da comunidade”. O concerto das vozes diz, assim, de uma semântica para muito além do enunciado: “os acentos marcados pela inspiração e pelas paixões, [...] os rituais de mensagem e de saudação, os registros de expressão escolhidos [...]”.

O desacomodamento versa, justamente, na linha proposta por Medina (2014, p. 44), sobre a abertura sensível que percebe e reconhece “os enredos do caos da História, gritos e sussurros, violências e farras, sobrevivências do *sevirol* e tragédias da exclusão [que] não cabem na razão quadriculada” dos métodos convencionais. Essa latitude dialógica, ao passo que alarga as dinâmicas de captação informativa, fornece enredo em dimensão vívida para construções narrativas polifônicas, que avançam no sentido das responsabilidades da mediação social.

### Considerações finais

O interesse em pesquisar a noção de desacomodamento jornalístico acompanha, nas trilhas do campo, os esforços reflexivos de autores que, conforme exposto neste artigo, contribuem com arcabouços teóricos e analíticos para a área. Considerando-se o vigor e a maturidade de tais produções, inscritas enquanto bibliografia referencial, este estudo assume a visada de discutir, no terreno das práticas possíveis, estratégias e dinâmicas narrativas para as coberturas contemporâneas. Longe da pretensão de inaugurar ou fixar algum novo conceito, mais vale pensar neste texto, e no próprio termo desacomodamento, como uma provocação que espera movimentar pensamentos sobre formas distintas de se fazer.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160207-44672-nac-1-pri-al-not> . Acesso: 17 maio 2023.

Cabe ecoar a ponderação de Künsch (2006, p.07), que prioriza falar em noção, e não em conceito, para ressaltar a via do diálogo e da negociação de sentidos por parte da própria reflexão que, “opondo-se ao racionalismo, ao reducionismo e ao determinismo que demarcam hegemonicamente o campo [...], aponta para a necessidade do pensamento da complexidade e da compreensão”.

O percurso formativo de uma fundamentação do desacontecimento se atravessa, assim, por um legado científico das Teorias do Jornalismo, especificamente no que toca ao *newsmaking*<sup>9</sup>, e por projetos de pesquisa fomentados em vista do debate e do próprio valor conferido às buscas acadêmicas por boas práticas de jornalismo no cenário atual. Não à toa, as primeiras análises e artigos acerca da noção se voltaram a uma proximidade compreensiva do trabalho de profissionais que, em contexto produtivo de mídia hegemônica, empreenderam escolhas e dinâmicas noticiosas à contrapelo. Desde investigações anteriores atentas à processualidade narrativa que toma forma quando da noticiabilidade ao cotidiano ordinário, elege-se avançar na maturação do escopo com um estudo mais amplo, de cunho exploratório, sobre a presença de configuração de tal matriz na imprensa paulista tradicional.

Enquanto estratégia narrativa de fatos não-marcados por critérios hegemônicos, o desacontecimento articula saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, de acordo com as nuances explicitadas inicialmente. Enfoca-se, aqui, nas dinâmicas de redação e na própria dimensão de autoria que constitui o cerne da composição dos relatos e do próprio *ethos* mobilizado pela matriz, que demanda a figura de mediadores interessados em vover brechas, ou de reestruturar e renovar os sentidos vigentes, conforme Medina (2014). Ao levantamento primeiro realizado junto aos veículos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, no período de 2015 a 2020, a fim de mapear matérias informativas delineadas sob as práticas do desacontecimento, procedeu-se com a identificação da assinatura criativa de tais textos.

Nesta organização, fez-se possível depreender dados de ordem quantitativa e qualitativa sobre jornalistas e dinâmicas com incidência recorrente nos registros selecionados, de modo a reunir mais e novos subsídios para o tratamento da noção e de possibilidades narrativas direcionadas ao protagonismo anônimo das resistências e de vozes hegemonicamente colocadas à margem. Na amostragem mapeada, a partir dos exemplos analisados, nota-se um trabalho jornalístico a articular, especialmente, recursos de descrição e composição dialógica, no empenho cuidadoso para traçar, por cada movimento de alteridade e de presentificação, um caminho que aproxime o público da saga do humano ser – em léxico invertido, para que o ser se revele em seu sentido de ação, e não mero apêndice do humano (MEDINA, 2016).

## Referências

ALSINA, M. **La construcción de la noticia**. Nueva edición revista y ampliada. Barcelona: Paidós, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2016.

BENETTI, M. **O jornalismo como acontecimento**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). 2009, São Paulo. Anais Eletrônicos... São Paulo: USP, 2004.

BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. v. 1.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=&periododesc=16%2F11%-2F2020&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=16&month=11&year=2020&jornais=>.

Acesso: 17 maio 2023.

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BUBER, M. **Eu e tu**. 2ª edição revista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009
- ESQUIROL, J. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- FRANÇA, V. R. V.; LOPES, S. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, n. 3, v. 11, p. 71-87, set./dez. 2017.
- FRANÇA, V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, V. R.V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39-51.
- KUNSCH, D. Comunicação, Conhecimento e Compreensão. In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – **INTERCOM**. Brasília: Intercom, 2006.
- LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011. v. 2.
- MAFFESOLI, M. **A conquista do tempo presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARCONDES FILHO, C. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013.
- MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, 2012. v. 3.
- MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 4-14, 2019.
- MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.
- MEDINA, C. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 205-219, jan.-jun. 2019.
- POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**:

Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa, n. 6. p. 59-75, 2005.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1996.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

SHOEMAKER, Pamela. News and newsworthiness: a commentary. **Communications**, v.31, p.105-111, 2006.

SHOEMAKER, P.; REESE, S. **Mediating the Message: theories of influences on mass media content**. Longman Publishers, 1996.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Aproximações à noção de desacontecimento a partir do valor jornalístico da cotidianidade. **Eco-Pós**, v.24, n.2, 2021.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Por carreteras secundárias: reflexões sobre o reportarismo a partir da narrativa de Bru Rovira sobre a cotidianidade dos anônimos. **Mídia e Cotidiano**, v.14, p.26 - 43, 2020.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. **Comunicação Midiática**, v.10, 2015.

VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013. v. 4.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.